

Festival do Teatro Brasileiro

Pensamento Crítico

O Vazio é Cheio de Coisa

Por Paulo Michelotto

POEMA MÜHLEMBERG

Há algo que me marcou profundamente nesse espetáculo de Poema.

A absoluta exatidão de movimentos em que o olhar dela puxa as mãos e as mãos seguem lenta lenta lentamente puxando os braços, os braços os ombros, os ombros o tronco subdividido em músculos e músculos e pernas que agarram e pés ganchos ou pouso suave.

Isso, o pouso suave de um corpo vigoroso. Poema faz crer que há lei da gravidade sim pois há corpo e força. Mas ao mesmo tempo tudo flui como se essa maldição da Terra não existisse. A natureza dela ama se esconder- φυσος χριπτεσται φιλειν- sob uma fluidez calma, mansa e delicada. E quem disse isso foi Heráclito e quem comentou foi Heidegger .

Então, me desculpem, não sei se o que vou dizer é para se pensar.

1- Perguntas para críticos e corpos em movimento

Em geral, pegamos a coisa, dividimos em pedacinhos e esvaziamos a carcaça e reenchemos tudo com o mais deslavado dos racionalismos: explicamos tudo. Se não podemos falar sobre as coisas de que elas nos adiantam? Nossa voz é nosso movimento de posse do mundo.

Em geral dizemos "entendemos" e com isso dizemos engoli, degluti, faz parte de mim agora.

Conhecer é um movimento de colocar para dentro tudo o que se move fora de nós. Quantas metáforas sobre o conhecimento, sobre a arte, a cultura, como alimento! Cultura já é um legein, colher e como tal revela o alimento.

Conhecer se põe como movimento em direção ao interior. Nosso, do mundo. A isso chamaram arché: o princípio. De princeps, primeiro, portanto supondo muitos. Trocamos no ocidente pós Darwin esse termo por "origem", ponto onde se origina, onde começa. E com isso iniciamos nossa gigantesca matança da multiplicidade e da diversidade. Diferentemente, princeps, principal, greco-romano, gera Outros, Diversos.

Então um oco pode ser princeps, dificilmente origem. Aqui só um zen colocaria a metáfora do conhecer num bambu cujo centro é um oco. Que vazio é esse se só sabedoria?

Há um conhecimento contudo que nos exterioriza, nos abre ao meio e nos deixa à mostra.

Como saltar do bambu para o movimento, para a dança?

Usar primeiro os olhos não para o externo, vara, número um pitagórico dependurado em desenho de luz- mas o interno, oco, princeps lotado de toda sabedoria dos Outros, segundos, terceiros, infinitos, ilimitados, apeiron?

Como? Voltando a uma das teses capitais de Aristóteles: a da **inexistência do vazio (Kénon) absoluto, separado dos corpos**. Não há lá vazio sem corpos. E essa é a profundidade oca do termo apeiron; vazio, cheio de ilimitações. Como continuar a supor como Kant, opondo-se a Aristóteles, que sendo forma a priori da sensibilidade o vazio não teria corpos?

E já que estamos entrando no universo do sensível, como saltar do oco do bambu, que ama se esconder como a natureza, para a dança, se essa é movimento, e se movimento se expõe ao olhar?

Ou se dizendo novamente: Aristóteles escreveu sobre o vazio, referindo o **movimento local (Phorá)**, ou seja, o movimento de um corpo de um lugar para outro:

Como recuperar então o movimento de um corpo no vazio? Voando? Voando singularmente? Voando com os outros? Originando dança, principiando dança, dançando com os outros?

michelotto locuto, causa infinita

Como recuperar o vôo, se não somos zen, não somos aristotélicos, não somos gregos, não somos nada além de um corpo?

Vou repetir. Não sei se o que vou dizer é para se pensar.

**Dança-se com os olhos- ensinou-me um dos livros do Yakusha Rongo,
Porém.**

A dança contemporânea de Poema Mühleberg ousa apagar nosso olhar e nosso espaço descendo uma noite em palco e deixando nosso olhar vagar no vazio, no ilimitado no apeiron lá onde tudo se inicia e tudo se movimenta. Ousa iniciar a arché – o início primordial- com chuva, água, elemento em que Tales de Mileto supunha estar dependurada a Terra. Para rapidamente ousar supor o ilimitado, apeiron, o vazio e transformá-lo no principio de tudo, na arché, seguindo os passos de Anaximandro contra Tales. E ainda num mesmo balanço dos movimentos do Universo, ousa como os pitagóricos postular que do vazio nasce um ponto, o numero um, e o pendura, agora vara de bambu, no centro da escuridão e evolui por sobre ele nos envolvendo o olhar.

Vou repetir. Não sei se o que vou dizer é para se pensar

2-Sobre bambus

No Japão e na China acredita-se que seu tronco oco, serve de morada aos deuses.

3- sobre busca da sabedoria no vazio

Há um ensinamento zen sobre o interior oco do bambu. É como um espaço livre que deveríamos deixar em nossa mente. Uma abertura em nosso ser.

4- sobre o Vazio

o objeto da filosofia é, para Spinoza, o vazio., (althusser)

5- sobre o Vôo, e o vôo bem sucedido de Poema

et caelum certe patet; ibimus illac:

**e o céu certamente está aberto: é para lá que iremos
omnia possideat, non possidet aera Minos."**

pois

Minos posue tudo, o ar Minos não possue.

Ovidio, metamorfose,viii

**Todo vôo dessa menina me parece uma oferta
para enfrentarmos os que nos prendem à terra,
mas não são donos dos céus.**

6- um pouco de história dos vôos mal-sucedidos

We have always envied birds their wings. From angels to superheroes, avian-human hybrids have been fixtures of myth, legend and art. In the 9th century, the celebrated Andalusian inventor Abbas ibn Firnas fashioned a pair of wings out of wood and silk, attached them to his back, covered the rest of his body in feathers, and jumped from a promontory. He avoided the fate of his forebear Icarus, but a witness reported that 'in alighting... his back was very much hurt'. Leonardo da Vinci sketched scores of plans for winged, human-powered flying machines called ornithopters. Batman's pinion-pointed cape looms over popular culture. 'Red Bull gives you wings,' promise the energy drink's ads.

7. Novamente:

porque insistir que eu fale na parte técnica sobre gente que está além da técnica , que é simplesmente monstro? Nunca vi tantos num só festival.

Quando o espetáculo nos deixa boquiabertos é difícil tomar distância.
Então só se pode escrever de dentro de nós mesmos.
Breve, soltar um pouco da explosão do que invadiu nosso imaginário.
Proposta aliás da cena.
Sobre Nomes de rosa

1- Poema

Nós sempre ensinamos no Dig que a vida das pessoas como tal não dá espetáculo. Todos nós somos maravilhosamente esplêndidos ou monstruosos ou ambos ao mesmo tempo, sombra e luz, moto perpétuo de pausas. “Hoje vi um homem sublime, solene, um purificador do espírito. Como a minha alma se riu da sua fealdade. [Friedrich]. Sempre ensinamos que o que diferencia o artista de seu público é apenas que quem publica, quem edita quem declara em editos, se expõe, publica, torna público, é o artista. Estranho lado oculto de nós mesmos que nos joga no interior do Outro, exatamente essa coisa que *-com a pior das denominações-* chamamos no Ocidente: público. Sempre ensinamos que a diferença entre um falar e o outro, um contar e o outro é que nós falamos em poesia. Favor consultar Aristóteles novamente, que chamava arte de poiesis, um fazer. Então nossa arte e nossa diversidade no gênero humano é esse fazer em que nós expomos, nos tornamos públicos e nomeamos o Outro com nossa ação. Breve, falamos numa outra linhagem, com outra linha, paralela à linha dos sintagmas

(Ada, para de reclamar de paradigmas e sintagmas, as palavras mais exatas de nossa língua brasileira são em grego ou yoruba ou banto. Ouça: Paradigma...Orumilá!...)

- Plim plim.

Pelamorde deus, exijam uma apresentação extra de Orum sei lá como.

Sei que ele retirou seu corpo de cena porque retiraram estupidamente o de Renata.

Mas por favor, soltemos bombas, expludamos a prefeitura, o governo o JGE, o que bem entendermos, mas não vamos permitir que nos cortem as asas, ainda mais as de nossos mais inteligentes de todos pássaros, corvos.

Morte aos tiranos!

Que nos tirem o BB a Petrobrás e tudo o que nos sustentou no ar por algum tempo, mas que não é nosso sustento, nunca foi, então não nos tirem o oxigênio, o ar.

Por favor, voltem com seus pés sangrando aos palcos, sejamos mais uma vez os bambus de Poema que se dobram verão inverno primavera outono, façam-se mais uma vez primaveras, eles verão

E que vejam nossos poemas.

Só assim- creio que estou pregando pastor de bodes, vãos, carneiros, cabritinhos, coisas, lesmas, pássaros e/ou formigas que sou- só assim nós os curvaremos e os abateremos como cães como pede a Bíblia ao Senhor em cada salmo.

Porque não foram escolhidos para matar passarinhos, covardes!

Plimplim.-

Não estou conseguindo voar com Poema e pousar tranquilo sem ver e sentir o vôo, o pouso de Orum. Como pousar no Daruê Malungo se a casa nos está sendo tirada? Se o lugar onde habitam os homens não é mais nossa casa? Creio que pássaros usam cor apenas para refletir ou absorver.

É que- desculpem- não consigo separar *Poema* de *Orum*.

Todo crítico tem mania de diretor, quer pegar o espetáculo e mudar a seu jeito.

Talvez seja isso, desculpem-me.

michelotto locuto, causa infinita

Voltemos então ao pitagórico 1 e aos nomes

E o nome aqui é Poema, breve sonho de Aritóteles.

Nossa vida, nosso nome não dá samba nem cena, pois todos só um. O esforço do artista é catar o meio caminho de sua vida, as linhas que se torceram paralelamente às dos homens e aqui e ali gritaram: humanos ah somos humanos, erramos ah erramos muito, gozamos ahve maria e como, voamos sim vamos, discordo, ah discordo (por favor, vá embora, Ada!). Breve; poesia, entrelinhas, pequeninos nós de bambu e dos tecidos do estofado of our little life, que é o sonho que é o sonho que é o sonho. Obrigado Shakespeare pelo sonho que não é do sono, do descanso, mas o do horizonte, olhar lá para longe no ôco do bambu e ver os Outros, além dos Ouros, quem sabe onde. Obrigado pela imagem poética, Mülehnberg. Montanha de Moinhos, deixando-nos, quixotescos, correndo atrás de seu giro, de seu arredondar e cortar no meio, essa logomarca visual, arquetipal, do vazio, do apeiron. Obrigado por nos mover em paixão, em sofrimento, por você, que, artista, é incaptável, incapturável, invisível aos olhos do nada, cheia, só poema, só moinho de vento, só ar e vôo.

Voei.

E ai olhei pro lado e, Poema, ví o presente que vc estava nos dando,

mandando-nos dançar com *Nietzsche* nas alturas

abrindo os mesmos sete selos anti-apocalípticos, de gozo e glória e não morte e dor e bolas de fogo nos consumindo no delírio de um João acabado pela morte de seu amor, o tal Jesus que parece ter vocação para nos re-ligar a coisas que não são vazias como centros de bambus, são prenes de dor e sofrimento e Renatas sendo crucificadas pelos que O aplaudem ah como o aplaudem e em nome na nação grunhem línguas estrangeiras , baixadas láá' do Espírito Santo, como grunhem ao se juntar, alcatéia, alcatéia não porque lobos são animais e animais são pelo menos dignos, pois não sabem e não saberão de você, poema, peiesis, fazer em prazer.

E foi esse *Nietzsche* que **Polly**, meu vôo, meu prado russo, um dia dançara para mim.

Dança, Nietzsche.

Canta para eles, por favor!

2- Nietzsche

*Se alguma vez descobri céus tranquilos sobre mim
voando com minhas próprias asas no meu próprio céu;
se nadei, brincando, em profundos lagos de luz;
se a alada sabedoria da minha liberdade me veio dizer:*

Olha! Nem para cima , nem para baixo,

*[nec te expectare Bootes- disse Dédalo mais acima]
Lança-te à roda, para diante, para trás, leve como és*

Canta!

Não fales mais!

Não estão as palavras feitas para os que são pesados?

Não mentem todas as palavras ao que é leve?

Canta!

Não fales mais!

*Como não hei de estar anelante pela eternidade,
anelante pelo nupcial anel dos anéis
pelo anel do que se segue e do que antecede as coisas?*

Nunca encontrei mulher de quem quisesses ter filhos

Senão esta mulher que amo:

Porque te amo eternidade!

Porque te amo, eternidade!

*

**Nietzsche canta a Eternidade,
É o que canta Poema baixinho,
Canto Renata, dentro do tema:**

michelotto locuto, causa infinita

eles passarão, nós passarinho!

*

micelotto locuto, causa infinita